

Ofélia Marques nasce em Lisboa em 1902. Completa o curso de Filologia na Faculdade de Letras em 1922, tornando-se uma das primeiras mulheres licenciadas em Portugal. O facto da sua formação não ser em artes levou a que os críticos tratassem o seu trabalho como ingénuo, embora o autodidatismo fosse uma característica valorizada pelo modernismo. O que era frequentemente visto como uma vantagem para os artistas, era, para as artistas, apontado como uma deficiência técnica. Rapidamente, Ofélia Marques começou a colaborar em publicações como *Atlântico*, *Ver e crer* e *Panorama*, para as quais desenhou capas, ilustrou contos, rubricas infantis e bandas desenhadas. Trabalhou com conhecidas feministas como Ana de Castro Osório, no livro *O Príncipe das Maças de Oiro*, e Maria Lamas (sob o pseudónimo Rosa Silvestre), no livro *As aventuras dos cinco irmãozinhos* e na secção *O Reino dos Miúdos* da revista *Civilização*. Trabalhou também regularmente com a autora Fernanda de Castro, para quem desenhou duas edições do livro *Mariazinha em África*, livro bastante problemático, não podemos deixar de o apontar, pelas suas representações racistas, tanto no conteúdo escrito como visual (consultar as legendas destes objetos, onde Rita Carvalho discute estes assuntos com mais detalhe). Durante os anos 30, Ofélia Marques trabalhou ao lado de Maria Keil [ver ERRATA-16] e Selma Rocha, entre outros, no Estúdio Técnico de Publicidade, fundado por José Rocha.

Tal como Sarah Affonso [ver ERRATA-03], Ofélia Marques expõe pela primeira vez no Salão de Outono, em 1926, integrando o grupo dos modernistas, com quem irá expor coletivamente nos anos seguintes. Nunca chegou a expor individualmente, mas o seu trabalho em pintura foi reconhecido, tendo-lhe sido atribuído, em 1940, o Prémio Sousa-Cardoso.

Tal como muitas outras artistas do seu tempo, o facto de ser mulher foi determinante no seu percurso, em primeiro

lugar, pelo tipo de trabalho que lhe era encomendado, muitas vezes associado ao mundo das crianças. Além disso, a crítica insistia em vincular o ar nostálgico e triste dos seus desenhos ao facto de Ofélia ser uma mulher casada sem filhos, que só poderia viver em mágoa. Finalmente, a história ditou que o seu trabalho, delicado e melancólico, era demasiado ingénuo para ser interessante, mantendo-o na sombra.

Um exemplo a notar é a colecção de retratos ficcionados dos seus amigos em que os imaginou como crianças em que Ofélia salienta as características, por vezes menos simpáticas, de cada um deles, conseguindo um retrato crítico de um grupo influente da época livre de remorsos e de inocência. Ofélia era tudo menos desinformada ou ingénuo, era uma mulher com uma educação superior, viajou bastante, muitas vezes acompanhando o marido nas suas comissões oficiais fora de Portugal, conheceu museus e teve contacto com uma cultura mais aberta.

O facto de Ofélia se ter suicidado, em 1952, pouco depois de ter completado 50 anos e já divorciada de Bernardo Marques, contribuiu para que a história insistia em retratá-la como uma mulher triste. No entanto, como refere Emília Ferreira no ensaio *Ofélia Marques, the artist, time and masks*, Bernardo Marques também se suicida dez anos depois e não é por isso que ao seu trabalho foram atribuídos adjetivos como melancólico ou triste.

Em 1988, foi encontrada e exposta uma série de desenhos eróticos com cenas lésbicas, revelando um outro lado da vida de Ofélia, preenchido, sofisticado e maturo — para os críticos, até então, desconhecido ou ignorado — o que salienta o quão pouco se conhece desta mulher.

*Isabel Duarte, 2021*